

# INDÚSTRIA CULTURAL NA ESCOLA: UMA VIA PARA A EXCLUSÃO SOCIAL

## Autores

---

Thelicia Mendes Canabarra  
Aline Ongaro Monteiro de Barros  
Maria Beatriz Machado Leao

## Orientador

---

Nilce Maria Altenfelder de Arruda Campos Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastoria

## 1. Introdução

---

A escola, como instituição social de cunho educativo deveria ser de fundamental importância para a perpetuação de nossa cultura, uma vez que ela é uma particularidade inserida no todo social. Isso, contudo, não significa que deva ser idêntica ao todo. Na verdade ela reflete, enquanto particular, o movimento da totalidade. Nessa perspectiva, a lógica que rege cada momento histórico da totalidade sempre tenderá a definir a finalidade objetiva da escola. Se hoje a esfera educacional, também, se tornou refém da indústria cultural, sem dúvida o sistema educacional irá refletir as conseqüências excludentes desse processo para a formação cultural dos indivíduos. Para se compreender a situação real do sistema educacional brasileiro e suas atuais políticas há que se resgatar dados do início da década de 90, quando o governo assumiu a prioridade da inserção do País no mercado globalizado, comandado pelo capital financeiro, ao qual se subordinaram as políticas de modo geral. O modelo neoliberal de economia, tornou-se via de realização da política educacional e acabou por gerar a exclusão social quando assumiu como diretriz uma dimensão tecnológica, cujos objetivos eram atender as demandas mercadológicas, vinculando as Necessidades Básicas de Aprendizagem a um sistema de produtividade. O Programa de Progressão Continuada veio a seguir, para acentuar a sedimentação de um conhecimento superficial e acrítico nos diversos extratos sociais e colaborar com o alto índice de analfabetismo funcional. Desse modo, a escola deixou de ser espaço de educação e veiculação do ideal de autonomia para atender às exigências de mercado, cabendo, portanto, ao sistema de ensino, promover a profissionalização e a adequação dos indivíduos às urgências produtivas, transmitindo competências e habilidades para que atuassem competitivamente. Assim, a educação assume um caráter pragmático e utilitarista, transformando a formação docente em capacitação para o serviço, descuidando da formação inicial e de uma fundamentação teórico-política. Nessa perspectiva, as transformações ocorridas no papel da educação, traduzem o processo de deslocamento generalizado da tecnologia industrial – suas lógicas e também seus instrumentos – para as esferas sociais e subjetivas, processo este, denominado por Theodor Adorno e Max Horkheimer de indústria cultural. Tais transformações se refletem nas políticas educacionais em que o papel do educador se reduz a uma dimensão secundária de mero facilitador de ensino, carente de uma perspectiva teórico-metodológica. Nesse processo, a autoridade do professor se viu fragilizada, tornando as condições concretas de aprendizagem mais susceptíveis à intromissão de produtos externos ao currículo escolar, produtos da Indústria Cultural. A formação cultural, que conforme Adorno (1996), deveria possibilitar condições aos indivíduos para se realizarem com autonomia e liberdade de espírito, sob o ideário neoliberal, resume-se a uma semiformação que aniquila a possibilidade do pensar humano, conduzindo-o ao domínio da heteronomia. Conforme revisão bibliográfica a partir de autores como Chauí (1999), Gentilli (1996), Zuim (1999), Saddy (1999), (Apud.Rouanet,1979, p 198), pode-se dizer que, segundo a concepção neo-liberal, os sistemas educacionais enfrentam uma crise de eficiência e produtividade que só poderia ser superada a partir de uma radical reforma administrativa no sistema escolar, orientada para a transformação do mesmo em organizações que garantam eficiência e qualidade aos serviços educacionais. Sob esta lógica, promover

a qualidade do ensino significaria promover reformas que redundariam em mudanças nas práticas pedagógicas, tornando-as mais eficientes, e, promover uma reestruturação do sistema para dar maleabilidade à oferta educacional. Para os autores acima, a consequência desse processo é que a instituição escola acabou perdendo sua função formativa. Cada vez mais é possível constatar que a maior parte dos profissionais ligados às instituições de ensino, se apresenta despreparados para exercer o ato educativo, pois se insere no contexto escolar, sem o devido domínio dos conhecimentos que devem proporcionar às crianças.

## **2. Objetivos**

---

Na perspectiva de produzir conhecimentos que dêem visibilidade ao processo de exclusão social – que se efetiva pela deterioração da formação educacional dos indivíduos – é que se apresenta o presente estudo, cujo objetivo central é o de investigar as ações didático-pedagógicas do professor enquanto mediações da Indústria Cultural e da “semiformação generalizada”.

## **3. Desenvolvimento**

---

A presente pesquisa constitui-se como um desdobramento de um projeto denominado “Ação Psicológica na comunidade: a questão do fracasso escolar”, vinculado a um estágio em Psicologia da UNIMEP constituído por um eixo teórico-prático que abarca referências da Psicologia Educacional e Psicologia Social. A investigação esta sendo realizada em uma escola pública de ensino fundamental do município de Piracicaba através da coleta de dados envolvendo três etapas: a) observações cursivas roteirizadas, realizadas em salas de aula da Etapa Inicial e Ciclo I do ensino fundamental; b) análise de documentos institucionais; c) entrevistas semi-dirigidas desenvolvidas por eixos temáticos, realizadas com os professores envolvidos. Até o momento, foi realizado um total de doze observações, bem como o início da análise documental, visando detectar a relação de coerência desses documentos com a proposta educacional da escola, seu projeto pedagógico e a ação didática do professor.

## **4. Resultados**

---

A partir das observações, pudemos constatar como a Indústria Cultural permeia a prática educativa, valorizando a busca do prazer imediato e da alegria em detrimento de uma organização didático-metodológica que possibilite a apreensão das diretrizes necessárias à realização das atividades propostas. Pudemos perceber que a possibilidade de um aprendizado consistente é atrofiada por um esquematismo que prioriza o tempo em detrimento do sentido e a memorização automatizada é mais valorizada que a capacitação pessoal do aluno. Da mesma forma, a infantilização, recurso da mídia para o entretenimento do público infantil, é clichê frequentemente escolhido como solução didática. Diminutivos e abreviações duvidosas são utilizadas em larga escala como modo de se estabelecer certo caráter de camaradagem, para que a aula fique mais atrativa. As formas de relação didático-pedagógica, não apenas incentivam a idéia de minoridade do indivíduo em processo formativo, como transformam a educação num produto para consumo em larga escala, erradicando do conhecimento a sua profundidade. A repetição mecânica dos alunos, ao darem respostas carentes de sentido e em uníssono, além de evidenciar a farsa da educação, dá indícios de como o educador se coloca como expressão do modelo da Indústria Cultural, adestrando o ‘consumidor do ensino’ para que ele esteja sempre em concordância com o que lhe é apresentado. Nota-se que falhas didático-metodológicas são brechas importantes para que se instale uma ausência de significação dos eventos, em prol do divertimento e do preenchimento do tempo. Observamos que a semiformação constatada, abre espaço não só para que o ‘estilo fun’ e o ideal de naturalidade sejam confundidos com recursos didáticos, mas também para que o mote do ‘aprender brincando’ - recurso da pedagogia construtivista - se conduzido de forma banalizada, revele total ausência de reflexão crítica e aponte para a idéia de que a diversão tem que imperar numa sala de aula a qualquer custo, superando até a possibilidade de transmissão do conhecimento. Do mesmo modo, instantes de improvisos, orientações didático-pedagógicas casuísticas, não fundamentadas do ponto de vista metodológico e o predomínio de condutas pedagógicas inconsistentes propiciam a indisciplina generalizada, a fragilização extrema e a descontinuidade do processo educacional. A forma descompromissada e frenética como o conteúdo vai sendo apresentado é similar às novidades que a mídia nos bombardeia e, o modo como ele vai sendo recebido e descartado pelos alunos, também é bastante parecido com a obsolescência planejada característica da Indústria Cultural. Não há trabalho de reflexão, de desenvolvimento ou de continuidade.

Observamos que mesmo as ações didáticas que apresentam dimensão pedagógica efetiva, também são permeadas pelos produtos produzidos pela mídia. Não é por acaso que a escolha de um tema para a aula não recaia sobre um poema, uma fábula ou mesmo um conto infantil de algum escritor exemplar de nossa literatura. A similitude entre lógica capitalista e cultura industrializada se faz sentir na utilização naturalizada de temas (no caso, a copa do mundo) impostos sorratoriamente pela mídia, utilizado irrefletidamente pelo educador para desencadear o processo de aprendizagem. Constatamos que tal atitude reafirma a reprodutibilidade do estilo vigente, ao aproveitar a urgência dos eventos 'em alta' da vida cotidiana, prestando tributo a uma demanda de porcarias que serão descartadas no momento seguinte. Se o ideal de naturalidade e a utilização da linguagem do cotidiano equivalem a um padrão de competência, na Indústria Cultural fica evidenciado que o ensino, tecnicamente condicionado por esses valores, pode surtir algum efeito de assimilação por parte dos alunos, mas promove o adestramento do espírito e a impossibilidade da expressão da força criadora.

## **5. Considerações Finais**

---

O papel da Didática na mediação do conhecimento deve ser encarado como prática educativa estabelecida tanto por critérios que enfoquem o currículo (grade/planos de ensino) e o uso de estratégias e metodologias que assegurem os conteúdos, como também por uma atuação compromissada com uma visão crítica e reflexiva por parte dos educadores. A falta desses recursos, como a que verificamos na escola em questão, se problematizada pela ótica da Teoria Crítica, pode ser diagnosticada como resultado da reprodução dos mecanismos utilizados pela Indústria Cultural para propagar no social sua 'mercadoria'. Tais mecanismos parecem estar servindo de modelo para a inserção do conhecimento em sala de aula o que acaba contribuindo com o processo de exclusão social desencadeado pelas políticas educacionais vinculadas ao neoliberalismo. Até esta etapa de nosso estudo as constatações obtidas vêm, portanto, corroborar a tese acerca da precariedade da formação acadêmica do professor e como ela contribui com o processo de semiformação, cujo desdobramento no âmbito didático-pedagógico abre espaço, ao mesmo tempo em que deixa transparecer, os meandros através dos quais a indústria cultural pervade as ações pedagógicas e desencadeia a exclusão. Cabe, portanto, dar continuidade à investigação com a finalidade de aprofundar essas análises.

## **Referências Bibliográficas**

---

ADORNO, T. W. A teoria da semicultura. In: Educação e Sociedade. Revista de Ciência da Educação nº 56, Ano XVII. Campinas: Cedes/Papirus, Dez. 1996. Tradução de Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. CHAUI, M. Público, Privado e Despotismo in Ética, (org) Adauto Novaes, Companhia das Letras, p:345-390, S.P. 1992. A Universidade Operacional. Artigo publicado no Caderno Mais, Folha de São Paulo, 9 de maio de 1999. GENTILLI, P. Adeus à Escola Pública in Pedagogia da exclusão - crítica ao neo-liberalismo. (org) Pablo Gentilli, Vozes, Petrópolis, R.J. p:228-270, 1995. ROUANET, S. P. Imaginário e Poder. São Paulo: Tese de Doutorado USP, 1979. SADDI, R. S. Os condicionantes políticos da Formação docente: o debate sobre neoliberalismo no jornal do SINPEE. São Paulo, PUC. 27.02.1996. ZUIN, A. S.; Indústria Cultural e Educação: o novo canto da sereia. Campinas, SP: autores associados, 1999.